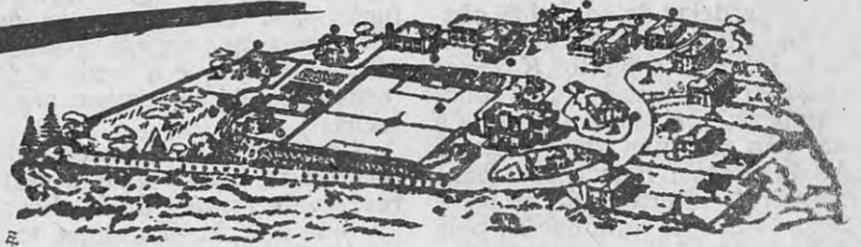




Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 243 * PREÇO 1500

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Já não constitui novidade para os vivos, que a Câmara do Porto nos concedeu três extensas parcelas de terreno, aonde vamos levantar casas. Elas são nas freguesias do Carvalhido, de Miragaia e de Pedrouços. Brevemente os párocos mais eu nos havemos de reunir. O architecto Teixeira Lopes dá o risco e conduz a obra. O fundo do Património, responde pelas primeiras e as outras que se seguirem, são da conta dos habitantes do Porto. Tudo muito fácil. Tudo muito simples. A situação imerecida e involuntária dos sem casa, é que vai mover e comover.



A senhora Tomézia, esperou 85 anos por esta fortuna; uma casa! Hoje, planta e rega a sua horta.

comigo é diferente. Não sei que me deu no peito! A empresa é minha. Eu sou o capitalista; sou o de baptismo de sangue...! E os homens que governam associam-se! *Manda o Governo da Nação.* Damos hoje o aspecto das hortas e dos jardins e não nos cansamos de recomendar a necessidade de terreno suficiente em redor das casas e para este fim. Não vamos com isto resolver, naturalmente, os altos problemas da economia nacional. Não vamos não senhor. Porém ajudamos. Tiramos pão das pedras. Enriquecemos muitos; o Pobre sente-se feliz,

Ao saber-se a notícia não faltou alegria no antigo Paço dos Bispos do Porto, hoje Câmara Municipal, desde os porteiros aos mais altos funcionários. Porquê? Por causa dos pobres. São eles e mais ninguém. É a sua causa revelada ao mundo.

Não sei que me deu no peito ao tomar nota do texto da portaria, aonde se lê *Manda o Governo da Nação pelo Ministro do Interior.* Outro qualquer não vê ali mais do que a fórmula imperativa consoante o código administrativo.

São os dizeres do estilo. Não ferem. Não impressionam. Mas

tendo fora da cozinha couves para o caldo.

Até hoje, ainda ninguém nos deu terrenos de cultura para a construção de casas, e compreende-se. Dá-se uma ponta que não faça falta. Muitas vezes são quase só penedos. Pois bem. Ao útil junta-se o agradável. Aonde dantes pedras, hoje hortas e jardins.

Temos tanta confiança neste aproveitamento, que estamos decididos a pedir superiormente antigos leitos de estradas. A gente passa e observa. São curvas, hoje fora de piso, totalmente abandonadas. Quantas casa? Quantas



Ontem, perdida pelos caminhos, hoje, achada e presa às suas flores! Quem não há-de chorar de alegria!

ENJEITADOS

Tinhamos em nosso poder uma extensa carta de Lourenço Marques, aonde era exposto um caso com dor e com verdade; e fomos por aí além ver e sentir. Passamos por Barcelos à hora de almoçar e ouvimos dizer que já estava pago, quando o meu companheiro pergunta. Era dia de calor. Fora da vila e à sombra de umas árvores, fizemos pausa. São estradas do Minho. Passa a gente por tais solares e tanta beleza, que diríamos fora do seu lugar, este caso e tantos outros semelhantes. Eramos chegados às margens do Lima e ali, munidos da carta, perguntamos. O carro vai por entre latadas e arvoredos. Muitas flores. Muitas searas. Estamos em Maio e no Minho. Era ali o pardieiro da desgraçada; uma casa que desmoronou, uma dependência que fica e ali habitam mãe e três filhos! Batemos à porta. São quatro horas da tarde. Estavam-se preparando para comer a primeira refeição! Tomo uma colher e como também. Era farinha mexida. A mãe responde que não tinha nenhum, ao ouvir-me dizer que as papas tinham pouco adubo. *Só tem sal meu senhor.* Da aparência das crianças, rugas em suas pequeninas faces, ossos quase à vista; disto não digo nada. Da maneira como aquelas três crianças foram concebidas, também nada quero dizer. Dos futuros perigos da Infeliz, do espantoso à vontade do homem que a faz cair, também passo em branco. Não quero dizer nada de nada, porquanto nós sabemos tudo de tudo... As três crianças que já estão, pode muito bem acontecer virem outras comer papas sem adubo, com rugas nas faces e ossos à amostra! Pode. Estamos em Maio e no Minho. Terra de cruzeiros, de *alminhas*, de novenas, de santuários e das romarias faladas...

Ontem veio aqui pela segunda vez um homem. Trazia uma carta do seu pároco. É um jornaleiro que ganha por dia sete escudos a seco; e ganha assim pouco porque é doente e tem horas de não poder trabalhar. Ele recebeu duas criancitas que andavam por lá *empalheiradas e arruseitadas*, para usar a sua contundente linguagem. Tomadas por uns dias, sim, movido de compaixão, porém não tem que lhes dar de comer. São aquelas duas e são ainda mais três, que andam por lá *empalheiradas e arruseitadas*. A mãe destes filhos, esgotada, caiu morta numa valeta! E eles aí estão. Os cinco Inocentes, se não vierem a morrer da

hortas? Quanto pão? Estamos decididos e vamos pedir.

mesma sorte, aí ficam a chamar alto pelos teólogos, pelos moralistas, pelos sociólogos e juriconsultos...

Poderíamos ficar hoje por aqui; mas vamos um nadinha mais além, para mostrar outra sorte de miséria. No Tribunal de Contas, quando a hora chegar, estes últimos serão os primeiros. É uma carta que eu aqui tenho. Ora leiam:

«Também sou filho ilegítimo. Meu pai é rico e é justamente a riqueza, a vil causadora de eu ser filho de pai incógnito.»

Este filho pede-me para enviar *O Gaiato* a seu pai, a ver se ele se converte ao Evangelho. *Eu não dei em vadio porque Deus me deu uma mão, informa ele. E como Deus lhe deu a mão e ele, o filho, se deixou prender, hoje quer que o pai se salve, que não a sua fortuna.*

Agora

E com a vista que cada um de nós lê. Com a intelligencia, compreende. Com a vontade chora. Sim. As quantias aqui reveladas, são objecto e causam na alma emoções. Porém, elas não constituem verdadeiramente o material. As casas não são feitas somente *nem* principalmente com o poder do dinheiro. Algo existe de maior poder. É a Justiça.

Não nos cansamos de afirmar esta verdade. Queremo-nos encher dela e despejá-la no mundo. Escolher o mais indigente entre os indigentes. Ir buscar a indefesa, que por não ter casa, todos a perseguem e destarte, livrá-la do pecado... Convidar famílias. Amar o Sangue de Cristo nas veias dos miseráveis. Eis o fundamento As pedras de construção. O dinheiro vem por acréscimo. Isto é do Evangelho.

Ora vamos sair À frente, seguem os empregados do Banco de Portugal, Lisboa, que estão resolvidos a, construir a sua casa do Património e começam com 558\$.

Imediatamente ao pé, vai um nosso amigo do Rio de Janeiro, que deseja mandar *uma casinha todos os anos*, começando agora com quinze mil cruzeiros. Vai também um herói. É do Porto. Ele mesmo se revela: 20\$ *economia que eu fiz em tabaco durante o ano findo.*

Queiram arrumar-se e abrir caminho. Vai passar o Liceu Carolina Michaelis. A comissão dos



Crónicas de Africa



Chega a altura de se ver ao longe o dardejar do sol sobre chapas de zinco. Muito arvoredo. *E' ali, informa o piloto Estamos no Luabo.* Mais uns minutos sobre o Zambeze, e o taxi vai direito à pista, não sem dar umas voltas à roda das casas. Esta como todas as pistas do interior, são de relva e desprovidas de iluminação; pelo que têm os aviões de andar com o dia.

Meio dia de Setembro. Os empregados da Sena Sugar estavam presentes; era a sua hora e a ocasião de receber notícias. Não vinhamos somente nós; eram outros. Júlio admira a multidão, pela diversidade de cores e de estilos: brancos, amarelos, pretos mestiços. *Shorts*, cabaias, tanga, os quase nus! Júlio admira e vai procurando entre tanta gente o seu irmão Amadeu. Eu procurava este e o António Teles. O avião desce. Aí vem o assalto. Abraços, perguntas, lágrimas; emoções que jamais esquecem!

O António Rebelo convidou-nos e fomos almoçar a sua casa. Ele é um dos *Encanecidos* e levou também para a mesa um outro que tinha vindo de Mutarara, Ivo da Silva. Tudo foi recordar. Recordações e carill. Este último meteu-se a criador de gado, produtor de manteiga, fabricante de queijo e a demanda é tanta, que por mais que faça não chega ao litoral. Tudo é consumido nas povoações do interior. Isto signifi-

nossos que ali compareceu, revelou serem mais de 900 raparigas na sala. Novecentas raparigas! Outras tantas famílias, contando as que deram muito e as que tiveram vontade de dar. Aqui tudo conta, tudo é, tudo vale. Demos a palavra a uma delas:

«São simples estas palavras que eu escrevi numa aula e que me saíram do coração, como a nossa professora nos pediu.

Já há muito que o liceu suspirava por poder ajudar a Obra da Rua. O feliz dia chegou finalmente. As alunas do 7.º ano de letras tiveram a bela ideia de arranjar dinheiro para uma casa, a juntar a tantas que se têm já distribuído pelos pobres. Para isso eram precisos 12 000\$. A princípio quase parecia impossível arranjar tamanha quantia. Mas, todas tivemos um grande desejo em juntá-los e amalhávamos todos os tostãozinhos. Até que, um dia, ao entrarmos no liceu, quase não cabíamos em nós de contentes. Estava afixada o seguinte letreiro: «Já há 12.000\$».

É por isso que hoje com o coração transbordante de alegria, temos a honra de entregar este dinheiro, que é a prova de que, neste liceu, a obra é carinhosamente acompanhada pelas professoras e pelas alunas e por todo o pessoal que trabalha nesta casa.»

A segunda prestação mensal (um conto) que foi ter ao *Depósito*, tem aqui o seu lugar. E outras mais pequenas também. Começam agora os *amortalhados*. São do Porto; uma firma da especialidade, oferece a instalação eléctrica das primeiras 5 casas do Porto! Quantas firmas não vêm lá, cada uma segundo o seu ramo — quantas?! Esta é da rua Alvares Cabral.

ca naturalmente que há muito lugar para mais empresas desta natureza e que ontem como hoje, ali como aqui, é a terra. A mãe terra que dá de comer aos homens.

Comidos e arrumados, fomos receber as boas vindas à sala de recreio da família do Luabo, aonde o senhor M. Turnheer tomou a presidência e tomou a palavra e tomou um cheque de 24 contos para duas casas do *Património*; o qual me foi entregue na mesma ocasião. Tudo muito breve e muito prático e muito completo. No final do acto, e à roda de uma mesa, foi aquilo que cada um apeteceu, e disso, o que mais quis beber; Amadeu, Teles, Júlio, mais eu. Quantas vezes nos tínhamos assim juntado em qualquer café do Porto e ouvido o mesmo que, ora, a quinze mil milhas, ouvimos — *está pago*. Porquê? Ali é Portugal!

Destinaram nos a melhor casa. Júlio não vinha cheio. O quarto azul do Carlton, deixou-lhe ainda espaço para aqui se acabar de encher... de espanto! Ele gostaria de ficar no Luabo, sim, mas teria de viver noutra casa. Aquela é a dos Directores!

Levamos um fim de semana, sexta a segunda, que preenchemos em todos os seus minutos. Percorrer e observar o asseio das ruas, aonde uma equipa de pretos trabalha constantemente. Os quintais floridos. A tendência para a casa de tejo, em vez do antigo material. O rio ali a dois passos; a praia, como lhe chamam. Os campos de jogos. O bem de tudo que se faz e diz no hospital e laboratórios. O zelo do médico. A sua autoridade respeitada, que chega a impedir o trânsito à porta, se há um doente grave; e ninguém ali passa! Tudo isto é uma coisa diferente. Parece que a ausência apróxima, que a distância se torna amor! O cemitério sendo lugar de mortos, mostra que cada um vive no coração dos seus vivos! Tão apartado, tão distinguido! Aqui e ali um epitáfio a chamar!

O «Monstro» ali ao pé, razão de ser de tudo quanto existe no Luabo Noite. Dia. Domingos. Todas as horas do tempo. As fauces. O interior. Os seus movimentos. Entra cana, sai açúcar!

Celebrei, durante os dias do fim de semana, num al'ar portátil que da Misão da Chupanga mandaram para esse fim. A povoação do Luabo vai ter, mas ao tempo não tinha capela. Vem ali de vez em quando o pároco do Chinde ou um missionário da Chupanga.

O domingo, foi domingo. Missa de manhã com comunhão e à tarde, oração em comum. Muita gente de muitas linguas. Por eu saber quase nada de todas e todos saberem quase nada português, desatei a falar com o verbo no infinito tendo produzido ao que ouvi, duas soberbas alocuções; uma de manhã e outra de tarde!

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Desta vez foi da outra banda, na escarpa da Senhora do Pilar. Guindais e Corticeira espreitam O rio passa ao fundo. Era uma tarde de sol. Uma vez no fim da ponte, já em Gaia, volto à esquerda e começo a subir. Levava indicações, mas vou perguntando. Chega o ponto de me desviar da estrada e seguir por um atalho, quase íngreme. No cimo era a toca. Um homem nota-me e por desconfiar que a ele me dirijo, deixa o sitio aonde estava e começa a espanar afanosamente. Arruma trapos, esconde papeis, ajeita os móveis e mal entro no recinto, ele vem ter comigo — *queira me desculpar*. Eu aceito a réplica enquanto me pergunto interiormente — *e a nós quem nos desculpa?*

Tudo quanto me haviam dito desta família, é verdade. Confirmei. A mulher tinha saído e levado

dois filhos, procurar de comer. Ele não. Ele já há muito tempo que não sai de casa...

Era homem das descargas. Adoeceu. Socorrido por algum tempo, hoje não tem nada. Alto, barba por fazer, cabelo sobre as orelhas, muito sujo, quase repelente. *Sou de Fontelo de S. Domingos*. Fica perto da Régua. É o Douro que os chama ao Porto. Ao pé do Douro se instalaram. A beirinha dele morrem.

Um nadinha abaixo é um caso pior! Sim; pior! A miséria tem graus. *Eu sou de Baião*. Sentei-me sobre uma pedra a medir a escarpa. Gostaria que o meu suplício permanente fosse esperança e alívio para todos os mártires que se arrastam, desde Miragaia às Fontainhas. Levei o meu pensamento de gratidão ao Comandante das Forças do Quartel, o qual, segundo ouvi, é ornado de piedade para não despedir quem está e firmeza para não consentir que outros venham. Senhor Comandante; mais do que as suas estrelas deixe-me beijar-lhe a mão.

Regresso. Ao chegar junto do *Morris*, já o mundo era tanto que eu não podia passar! Tenho de andar nas bocas dele, fama ou infamia, por via da missão a que Deus me destinou!

Os dois homens que acabo de visitar são dois casos incuráveis. Tal como estes, topa a gente muitos outros aonde quer, sem toca, sem família, sem amigos, sem nada. Azedos, descrentes, revoltados. Vejo-os. Converso. Noto. Pois bem. Nós estamos decididos a fazer algo por estes Uma casa. Cama feita. Leite quente.

Não vai ter a forma nem se lhe dará o nome de hospital. Tira-se-lhe o *incurável*. No pátio interior, uma cruz plantada, de granito simples. É preciso que os *Desesperados* a vejam e n'ela, por Ela, nos perdoem...! Quem sabe se eu não venho ainda a chegar à loucura dos santos e ser o primeiro a transportar ao colo o primeiro — quem sabe?!

Já me puzeram o problema da alimentação no caso da Obra ir avante; já me puzeram. Mas isso não é da nossa conta. Sabemos que a Justiça alimenta as obras de Caridade. Isto é baseado nas promessas de Deus. Deus não se engana nem pode enganar.

Sim; estamos decididos. Padre Adriano mais eu havemos de pedir aceitação ao Ministro do Interior. Dar conhecimento ao Ministro das Obras Públicas. Sitio e proporções, são da nossa conta.

Assim como nós gostaríamos de acabar o tempo numa cama lavada com os precisos ao lado, assim vamos trabalhar para que isso não falte aos nossos. Eis a fonte.

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO
QUE DEVEM ADQUIRIR
« O BARREDO »

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

N. B.—Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas livrarias do país. É um exclusivo da nossa Obra.



Aqui, LISBOA!

Muitos são os que se debruçam sobre problemas da nossa cidade de Lisboa. Nós, Padres da Rua, não podemos deixar parar sob as pedras da mesma, o problema das classes pobres que tão facilmente é esquecido e relegado para último lugar. Quanto maior é o progresso que se nota por toda a área da cidade, maior é o contraste entre aquele e o abandono a que se votou a trágica situação da gente humilde. Não desaparecerá por isso destas colunas, tão depressa, o clamor que até nós chega constantemente. Felizmente não são só gemidos, há também quem queira trabalhar.

Vai à frente aquele punhado de Universitários que há anos se consagrou à linda missão de suavizar as chagas físicas e morais dos doentes e pobres da Curraleira.

Entre eles encontram-se médicos, engenheiros, arquitectos e economistas. Cada qual estudou o tugúrio sob o aspecto da sua especialidade e surgiu um plano que, se até aqui tem sido um sonho, agora, com a nova iniciativa do Património dos Pobres, vai tentar pôr em prática.

A orientar e animar, estão os Padres holandeses, a quem foi confiada a assistência religiosa da freguesia. São mestres.

A um deles perguntei como era resolvida, na sua Pátria, a situação dos deslocados. Respondeu que, em primeiro lugar, o problema não surge por lá, com a acuidade daqui: é uma questão de educação. Depois legislação e vigilância dificultam a entrada clandestina, e, finalmente há a colaboração das Autoridades na solução dos casos restantes. E citou um exemplo: um pároco estudou a situação dum aglomerado dos seus pobres, e foi apresentar ao Governo plano idealizado pedindo, para a sua imediata execução, um milhão de florins.

Recebeu pouco depois o milhão e a obra lá está a servir de admiração e louvor a quantos a visitam.

Mas nós estamos em Portugal, onde tudo tem de ser resolvido dentro da modéstia dos nossos recursos. Não há-de ser esta, porém, a maior dificuldade, estamos certos disso. Esta certeza vem-nos da decidida dedicação dos briosos Universitários, da urgente obrigação nossa de acudir aos que precisam, e desta carta que nos veio às mãos, por intermédio das Irmãs de Jesus, da Curraleira:

«Cafu-me do céu, sem eu o esperar, mais esta ajuda, para o meu orçamento um tanto limitado e, em cumprimento duma promessa, aqui vai na íntegra (são 1 200\$) acrescido de mais cem escudos, o meu primeiro ordenado—suplemento para o «Património dos Pobres». É minha primeira prestação para a construção duma casa na Curraleira que me proponho oferecer, dentro dum prazo que só Deus dirigirá, em substituição duma dessas barracas que tanto nos acusam a nós cristãos, filhos dum país católico... Esta casinha que sendo possível muito gostaria se viesse a chamar *Casa da Mãe*, será construída em sufrágio da alma duma mãe de sete filhos, a quem, depois de Deus, devo a fé a tudo quanto na vida tive de bom.» Uma dos sete como

esta, quantas não virão por aí? Temos conhecimento de outras casas que andam pelos escritórios de várias repartições e empresas, a crescer à custa de migalhas de funcionários e empregados pobres. A força deste sangue e suor é tanta, que me parece não ser possível qualquer resistência. A Câmara de Loures que o diga.

A nossa igreja vai readquirindo a antiga forma. Os velhinhos vêm af de quando em vez observar. Os olhos inundam-se-lhes de luz com os progressos que notam: «eu sempre disse que havia de vir um dia em que alguém restaurasse a nossa igreja.» Cabe-me a honra de proporcionar esta alegria aos velhinhos do Tojal. Um deles veio trazer-me, já ceguinho, mil escudos. Outro irmão, que o guiava, deu quinhentos do seu.

Rapazes novos vêm também oferecer dias de trabalho. Um deles comentava assim: «quem havia de dizer que eu havia de levantar o que meu pai deitou abaixo?» Mais cem das migalhas de uma mãe, 50\$ de outra. Duma filha de família 50\$ tirados do seu ordenado e outro tanto duma sua irmã, angariados igualmente com o suor do seu rosto. Mãos calejadas continuam a trazer-nos, ao sábado, as suas oferendas: 25\$

dum, 30\$ doutro e 27\$50 doutro. De muito má fama gozam os saloios, mas quem lhes prescreta a alma, encontrará tesouros valiosos. Quando surge alguma dificuldade de maior, basta bater a certas portas que logo tudo aparece. Lenha, farinha, trigo, cabeças de gado, transportes. Meia palavra basta para sermos atendidos.

Dum senhor suíço que sempre se lembra da casa quando passa por Lisboa, 500\$; do Congo Belga outros tantos francos. São os de fora a ensinar como por lá se ajudam as obras sociais. Num vale, 10\$; da Nestlé 188\$50 sempre certos; do Grémio dos I. de Panificação, 315\$. No Lar de Lisboa 500\$ com vários destinos; mais 500\$ com um único destino: bem-fazer. Camisas, blusas, açúcar, arroz e azeite no mesmo Lar.

100\$ dos Operários dos Estaleiros da CUF; dos Empregados da Contabilidade do Banco de Portugal. De Lisboa 500\$, com estes dizeres: «faz este mês um ano que numa aflicção recorri às orações dos gaiatos e tive feliz êxito. Vejo-me novamente aflita e cheia de fé de novo venho pedir que intercedam por minha intenção». De Alfeizerão 50\$ que recebemos e entregamos; 30\$ duma figueirense; 20\$ para a família numerosa; 20\$ de uma estudante de Lisboa; 90\$ à porta de uma igreja, para o Património Fatos em bom uso; pneus, revistas e livros. Muitos visitantes à deso-

(Continua na quarta página)

Ecoss do Atlântico

Por P.^e ELIAS

Isto aqui é Ponta Delgada, Açores, a meio do Atlântico. Venho pela segunda vez às colunas do Famoso, não por ser da Rua, mas por querer entrar nela.

Pai Américo, nesse seu livro «Viagens» não se esqueça da que fez aos Açores e sobretudo não se esqueça de a repetir.

A malta quer vê-lo. A malta quer ouvi-lo. Venha em asas e volte em asas. Eis a malta: Rafael, Fuzeiro, Pinguinha, Garanhão, Perú, Vasco de Santana e Anjinho etc. Os mais ilustres como sempre ficam no etc. Eles são vinte e sete e todos lhe chamam Pai como os daí.

Aqui também há lama, copo, pontas de cigarro, toada de taberna, calão, flores sem sol nem primavera. E há também um Barredo que de diferente tem apenas o nome.

Eu tenho comunicado o fogo que Pai Américo ateou no meu peito e é necessário que venha agora dar-lhe rumo para que queime o que deve queimar. Nada mais justo. Esta gente já adquiriu direitos. Esta gente aqueceu e desobriga-se admiravelmente! Se muito lhes peço, mais eles dão.

Foi realmente uma chispa des-

prendida desse incêndio e comunicada às Ilhas. Isto aqui também é Portugal!

Eu estou contente mas confundido. Contento porque julgo estar a corresponder. Confundido pela graça que o Céu me fez e eu era e sou indigno.

Quando tive ordem de marcha para os Açores dos meus sonhos, vinha acabrunhado sob o peso das responsabilidades. Aquela largada de Alcântara e os Gaia-os a acenar adeus!

Trazia no entanto a certeza de que nunca aconteceu mal algum ao apóstolo que Cristo mandou sozinho.

Vinha do Tojal, de Paço de Sousa, tratara de perto com P.^e Adriano, com Pai Américo, com os Rapazes. Apalpara os milagres. Ficavam-me as lições. Tinha fé. Lancei a Obra e parece-me que tomou ratz.

Ainda não posso dizer a todos os visitantes desta nossa casa o mesmo que Pai Américo diz aos de Paço de Sousa:—«O terreno que pisas tem o suor do teu rosto».

Vamos para aí. Há grandes ofertas quase todas de mão escondida e há também óbulos de viúvas.

Apareceram uns obstáculos umas dificuldades, frutos da minha inexperiência e dos meus pecados. Há os que não querem compreender porque não querem ajudar. Muitos louvam-me que sigo vida de verdadeiro apóstolo sem alforge e com uma túnica só. Alguns condenam-me que estou arranjar bem a minha vida.

A tal contradição de sempre. A nossa batina negra objecto de bênção e de maldição.

Tudo como no Evangelho! Desculpa leitor se daqui em

Isto é a Casa do Gaiato

*** Ontem, Pombinha, que é o meu actual refeiteiro, pergunta se eu quero ouvir uma novidade de boa notícia, —quem? Isto era enquanto me servia, e eu disse logo que sim. O rapaz fitou-me, ajeita o guardanapo, deita vinho e faz render; estende o tempo. Olhe que é uma boa notícia; repete.

Não lhe quis mostrar a minha impaciência e dei em mastigar. Temos 55 pintainhos!

Com isto sai porta fora e traz o resto do jantar. Passou aquela hora. O dia terminou. Hoje de manhã no fim da missa, dirigi-me à cozinha aonde costumo tomar o meu café, sobre a tampa de um armário. Pombinha serve e desaparece. Não é costume. O meu refeiteiro fica enquanto eu estou. Mas desta vez, não. Aonde teria ido, pergunto a mim mesmo? Não demorou a resposta. Aí vem Pombinha com o das c-poeiras e um tabuleiro e dentro 55 pintainhos: Olhe-os aqui.

Tinha celebrado. Tinha agradecido e agora torno a agradecer. Continuou naquele dia a acção de graças. Isto enche a alma da gente. Olhe-os aqui.

*** O meu refeiteiro chama para o jantar e informa que temos rádio. Eu desço as escadas e dirijo-me ao sítio; não sem me perguntar de onde e como teria vindo o aparelho. Uma vez sentido, olho em redor e não vejo. Não ouve? Era o grilo! O Pombinha tem um grilo, e resolveu colocar a gaiola ao pé de mim, enquanto como, para ser jantar concerto. Eu também não tenho mais que lhe faça. Ainda agora, uma bicicleta que nos enviaram, muito pequenina e muito ajeitada, faz os recreios do Pombinha. Não faltam aí invejas. Já tem havido ameaças. Mas ele que se segure.

*** O dia do Corpus Christi tem sido todos os anos, mas este, foi muito mais assinalado. De véspera anunciou-se a velada de adoração, dividida em períodos de 30 minutos, para dar lugar a todos os inscritos. Foi a missa De Angelis. Às 11 horas, procissão. Pároco da freguesia cedeu as alfaias e presidiu. António Sérgio, Júlio Mendes, Avelino dos Santos, Manuel Pedreiro e António Carpinteiro, foram os do pátio, com opas de seda. Outros, das lanternas. O Abel conduziu a nossa esplêndida cruz com dois cerofrários. Os batatas formavam alas, cada um sua cpa. Eu o turbulo e ao pé de mim, o Pombinha com a naveta. O orfeon, cantou aquele portuguêsíssimo *Bendito*, que era uso cantar-se nos meus tempos de criança, quando tocava a *Senhor fóra* e de cada fogo da paróquia ia um membro acompanhar. Que tempos! Que saudades!

A senhora da rouparia tinha recolhido 9 colchas do nosso bragal, para outras tantas janelas das casas aonde a procissão havia de passar. Eram as melhores. Mas os rapazes fizeram outras contas e não ficou janela sem sua colcha. Numa era um lençol! Mas eles fizeram mais. Sairam às flores, riparam bordas e jardins, ornaram o chão do percurso. Ia passar Jesus de Nazaré...! Eles conhecem N.

diante te roubar neste cantinho do Famoso leitura precisa.

Compreendes que eu de quando em vez tenho de dar notícias e dizer do comportamento desta filha da Obra da Rua que emigrou para fixar residência nas Ilhas.

Aqui a tens Isto é Ponta Delgada, no Atlântico.

P.^e ELIAS

OUTRA NOTICIA

Desaparecida a quadrilha de menores, que arrastava fundos no Porto sob o nome da Casa do Gaiato, eis que se apresenta nova modalidade.

É uma santa, para os lados de Vila do Conde, aonde o povo acode, supersticiosamente. Os que exploram o negócio, fazem constar que o dinheiro ali deixado é para a Casa do Gaiato... Assim como o primeiro, também este segundo é um caso de P. lícia.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Graças a Deus alguns amigos responderam prontamente ao grito de alarme. Atenuaram desta forma as dificuldades da nossa conferência. E' que nós não temos, por assim dizer, subscritores. A nossa receita é este cantinho quinzenal do Famoso.

Dum Snr. Doutor Juiz muito conhecido e amigo, e grande vicentino, que quer seguir como anónimo, recebemos um cheque sobre o Banco Espírito Santo, de 250\$00. De B. M. para os pobres da conferência cem escudos. E outros cem pelo vale postal 18910. Da Rua da Torrinha 144, cinquenta mil reis. Duma mãe de 3 filhos, para que não falte o leite ao pobre da conferência, 50\$00. Mais 100\$00 pedindo orações. De Coxias quarenta deles. E agora: senti uma enorme tristeza ao ler o artigo «Notícias da Conferência da Nossa Aldeia». Envio junto 200\$00 para que, por algum tempo, até que corações de ricos (porque eu sou pobre) sejam tocados por Deus Nosso Senhor, não falte leite ao chefe de família de Bairros. E é tudo que nos veio ter às mãos.

Júlio Mendes

Venda do Jornal

Quando se aproxima a quinzena, para nós que somos ardinas, torna-se bastante alegre, em sabermos que vamos mais uma vez visitar e servir os nossos fregueses com o nosso admirável jornal, que por todos sempre é ambicionado. O nosso maior empenho é sempre servir os nossos amigos com método, para eles ficarem a saber, como se torna fecundo e belo o nosso esforço. É esta a nossa verdadeira alegria quando nos deslocamos à invicta cidade, para aí começarmos a nossa labuta que mais tarde será recompensada por intermédio do nosso Pai adoptivo, que nos lançou à vida,—tal dot, que nos obriga muitas vezes a chorar para nós mesmos!

Os vendedores encontram-se em plena forma, nota-se pelos seus esforços e que eu na verdade já noto há muito tempo. Uns nos cafés, outros nos eléctricos, ainda alguns nas suas zonas marcadas e a maior parte de nós correndo também os nossos fregueses. O Papagaio é o rapaz que sabe apregoar melhor o jornal e berra mais alto para assim o ouvirem e lhe comprem. O Areosa igualmente mostra as suas provas como o terceiro melhor vendedor. Quanto ao segundo lugar, esse pertence ao Celestino, Banana, Malhado, Coca, Serafim, têm trabalhado o mais que podem. À tarde todos se apresentam na leitaria Frigorífica para lancharem e descansarem das fadigas que tiveram durante o dia. Às 8 horas todos recolhem ao Lar, para fazerem cada um as suas contas no maior silêncio. Como vêm todos trabalhamos para assim merecermos a ceia. Nosso Senhor quando começou a sua vida pública, quis dar-nos este bom exemplo—trabalhar. E assim se cumpre!

Das outras terras também há muito que dizer, principalmente de Viana que todas as quinzenas sempre nos recebem bem. Desta vez depois de chegados à estação daquela cidade, fomos recebidos pelos senhores directores do Colégio do Minho, onde comemos e dormimos. Nesta cidade ainda há mais a lembrar: as casas para pobres que nesta terra se têm construído têm de facto desenvolvido bastante. O Snr. Padre Constantino e o Snr. Padre Melo, foram os incendiadores desta maravilhosa obra erguida nesta cidade e que já se contam quase sete. Parabéns Viana pela boa lição de caridade que tendes espalhado e que nos fica dentro do nosso coração!

Os de Braga também andam a fazer casas para pobres. Antes de começarem foram ver as de Viana que são uma maravilha. Os de Braga também não se esqueceram de bem fazer em benefício dos pobres. Os vendedores deslocados a esta cidade para aí fazerem a sua habitual venda, contam boas notícias. A Senhora do Mel, é a mãe dos vendedores que costumam comer em sua casa. A todos desejamos, a Viana e Braga, boa vontade, energia, entusiasmo, sacrifício, que mais tarde no Céu lhes será recompensado.

MANUEL HENRIQUE

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Já cá temos mais um lin do cão. Quem o arranjou foi o António de Arouca, que é muito amigo dele.

Com este, a conta aumenta para 7. Ainda dizem que não gostamos de cães. De caminho o Pai Américo tem de fazer uma aldeia de propósito para cães!...

— Já nos enviaram mais uma bicicleta pequenina para os batatas aprenderem a andar. Agora ninguém os atura, pois querem andar todos ao mesmo tempo, o que faz com que hajam algumas sessões de pugilato...

Mas tudo acaba bem, pois daí a bocado já andam de novo a brincar...

Isto é a Casa do Gaiato!

— O Hélio o domingo passado andou todo o dia de bicicleta, para se treinar para não lhe acontecer como da outra vez... Mas foi infeliz, pois desta abriu a cabeça e isto foi em pleno campo de futebol, o que seria numa curva...

Vamos a ver se o sr. Hélio para outra vez tem mais cautela.

— No dia 4 de Junho, festejamos cá muito bem a festa do Corpo de Deus. Às sete horas e meia, missa cantada. Daí em diante até ao meio-dia, estiveram de meia em meia hora na capela, grupos de rapazes, e assim prestamos homenagem a Cristo Sacramentado.

Às onze horas saiu a procissão: Jesus na Custódia abençoou as nossas casas e no ar ouviram-se as vozes de todos a cantar.

— A nossa confissão do SS. Nome de Jesus, está cada vez com mais encargos e a sua fonte de receita parece diminuir.

Mesmo assim os nossos confrades não se atropalham, pois têm fé em Deus, na pessoa dos nossos irmãos Pobres.

— Já começaram as obras para as oficinas de carpinteiro e alfaiate e sapateiro. Prometem acabar muito em breve.

— Ainda ninguém levantou o dedo com respeito à bola para a tipografia, mas temos fé que os senhores vão cair...

DANIEL BORGES DA SILVA

LAR DE COIMBRA Caros leitores venho hoje pela primeira vez falar-vos aqui do Lar onde me encontro.

A primeira notícia que vos vou dar é sobre a partida do nosso camarada José Maria que a esta hora vai a caminho de terras d'África. Aqui no Lar a sua Festa de despedida foi no dia 28 do mês passado ao jantar. Estiveram presentes algumas pessoas nossas amigas, sendo as seguintes: o nosso pronto e amável médico Ex.^{mo} Snr. Dr. Afonso Romão, o Snr. P.^o José Varanda e o Snr. P.^o João Evangelista Simão. O jantar foi melhorado e houve arroz doce e depois despediram-se estes Snrs. desejando muitas felicidades e que ele se saiba conduzir com apuro.

No dia seguinte deixou-nos e também nos despedimos saudosamente. Ao meio dia aproximadamente, partiu para Lisboa e finalmente no dia 5 do corrente mês embarcou para terras de Além-mar.

Fazemos votos para que este novo colono saiba levar bem alto esta bandeira que é a bandeira da nossa «Obra» e que seja outro a abrir caminho e seja muito feliz.

— Quero também falar-vos da minha venda em Cantanhede. A venda do famoso nesta Vila não é lá muito má mas podia ser melhor.

O número é sempre para cima de cinquenta, mas a vila é grande e eu quero vender mais. Quanto aos Snrs. desta vila não tenho razão de queixa porque dois triplos dos jornais que vendem vão pelo correio mas mesmo os assinantes quero que comprem para que Cantanhede não fique para trás.

Tenho agora de agradecer os carinhos e os favores prestados pela amável gente desta vila. Primeiro começo por agradecer às pessoas que me têm dado almoço e às que já me têm oferecido pois chega a ser tanta a convidar-me que eu não sei acnde hei-de ir.

Em seguida às pessoas que me têm trazido de automóvel graças ao Snr. polícia de trânsito que é quem me tem arranjado as borlas todas. Agradeço ainda as roupas e outras encomendas que têm feito a fineza de mas darem.

Queridos leitores quero agora fazer um apelo neste jornal porque vejo a nossa Conferência em necessidade e quase desamparada do vosso auxílio pois os donativos não têm vindo e o saldo são uns patacos que não chegam para pagar a mercearia. Ora esta Conferência encontra-se assim e eu vejo-me obrigado a lembrar-vos os pobres irmãos.

CARLOS MANUEL

TOJAL Há muito que não falamos da nossa quinta. O trigo já está seco e os homens estão ligeiros a ceifá-lo. Já temos uns grandes montes de paveia, que os gaiatos andam a fazer. Pois demos graças a Deus.

— O nosso campo de futebol já está quase acabado. Só faltam as traves, redes e o cilindro para ficar calçado.

— Uma das nossas vacas teve uma vitelhinha. Foi uma alegria para nós. É a quarta vitela deste ano.

— Fomos fazer um pequeno acampamento numa serra visinha. Levámos a panela para fazer o comer, lenha, etc. O nosso cozinheiro, Orlando, fez-nos um belo almoço: bacalhau com batatas. «Soube que nem piscos...» No fim, antes de nos retirarmos, houve bolos e vinho fino, resto da queima das fitas da J.U.C. de Lisboa.

Antes de nos retirarmos fizemos a nossa Conferência de S. Vicente de Paulo. No inquérito dos pobres verificou-se que às vezes as esmolas não eram entregues com pontualidade. A seguir fizemos a colecta que rendeu 67\$00. Des subscritores, o caro confrade Zé Póvoa entregou 12\$00. Comoveu-nos a descrição do confrade acerca da situação do pobre João Pansa e dos trabalhos que a sobrinha tem para o conservar limpo. A nossa Casa dá-lhe meio litro de leite por dia e a Conferência outro meio litro. Pôs-se em dia a renda da casa dos pobres.

— No dia 4 deste mês, dia do Corpo de Deus, fizemos cá uma pequena procissão, aqui na nossa aldeia. Tomou parte muita gente da terra e um Colégio — visitante de Lisboa.

— Quando estiver concluída a nossa igreja, esperamos que a Câmara e o Governo nos façam uma estrada em condições para os visitantes cá virem com facilidade. Por enquanto, tem de dar-se muitas voltas pelos becos o que é incómodo para muitos.

Joaquim A. Gouveia Marques

AQUI, LISBOA!

(Continuação da terceira página)

brigar se devotadamente; 150\$ à porta de outra igreja por intermédio dos jardins e finalmente, esta caria dos Empregados da Socony Vacuum:

«É com grande alegria que envio o talão de depósito—melhorando—no valor de 1550\$, pois, sendo esta a 72^a cotização, referente a Abril, p.º, com ela festejamos com sincera satisfação nosso 6º ano de auxílio à mais linda Obra de Caridade

Arrancado com dificuldade a tantos que tanto necessitam (há muitos humildes operários a cooperarem), mesmo assim, nestes seis anos, entregamos com o prazer do dever cumprido, a quantia de 85 180\$.

Se o pessoal de todas as grandes empresas nos seguissem o exemplo, como facilitaríamos a vida àqueles que a sua vida dedicaram a este bem fazer». Em todas as empresas há bom pessoal capaz de colaborar, o que não é fácil de encontrar, é um senhor Jonet que se dê apaixonadamente ao trabalho de arrancar ao coração de cada um, aquilo que só o coração pode dar. Aqui lhe retribuimos, Bom Amigo, o abraço enviado, com o pedido de o estender a todos os que cooperam, sobretudo aos que lutam com as maiores dificuldades.

P.º ADRIANO

PROPAGAI

«O Gaiato»

FALAS «PAPAGAIO»

Era tardinha. Saí do Porto eram 4 horas. Ia acompanhado por 3 senhores muito meus amigos. O mais meu amigo ia a conduzir.

Passado uma hora e meia estávamos em Braga. A cidade de Braga.

Foi a primeira vez que passei por aquela cidade, gostei muito. Não paramos. Daqui a nada estávamos em Vila Verde. O carro parou e eu aproveitei o tempo para vender o «Famoso». Aquela gente não conhece este jornal, e eu então explicava-lhes como era a nossa OBRA. Nós estávamos com pressa, mas apesar disto vendi 10 jornais.

Depois seguimos. Quando dei por ela notei que estávamos na Vila de Ponte da Barca. O carro tornou a parar... e, eu toca a vender. Fui muito bem recebido naquela Vila, e além disso verifiquei que tinha 30 jornais vendidos, e também 3 livros do Barredo, estes eram os únicos, mas se eu tivesse mais, mais se vendiam. Toda a gente que eu ofereci, todos me compraram. Até a Polícia de Trânsito Compraram me três, mas eles não conheciam muito bem a nossa OBRA, e eu então disse-lhes como era a OBRA.

Ficaram assombrados!

Nós não podíamos perder mais tempo. E então seguimos. Eu estava ansioso por chegar aos Arcos. Estava sempre a olhar para os letreiros. E de repente leio: Arcos de Valdevez. O que alegria, sentia-me alegre por estar nos Arcos. O carro parou no centro da Vila.

Depois fomos comer a um Hotel muito conhecido por este nome: Hotel Ribeiro. Mas não havia tach! Eu por minha parte não me importava. Fizem comida de propósito e à pressa para nós. Estávamos a comer, eram batatas com bacalhau, salsichas, ovos, vinho e outras coisas mais de que eu gostei muito, e tenho muito que agradecer a esta senhora. E além disto esta senhora é muito amiga da nossa OBRA.

Depois fomos para o café Arcuense, onde vendi 50 jornais. Tudo à custa do Sr. meu amigo, digo amigo, porque ele não quer que ponha o nome dele no jornal.

Ele tem muitos amigos nos Arcos, e mal via um dava-lhe logo o jornal. E foi assim que eu no sábado à noite vendi 50 jornais.

Acabei assim o sábado com 50 jornais e 3 livros do Barredo.

No domingo vendi 20 e não foi preciso cóssegas, e ainda trouxe 6 assinaturas!

São horas de regressar.

E sem mais fico muito agradecido a todo o povo dos Arcos.

Brevemente tenciono lá voltar, e quando for hei-de levar 200 jornais.

Mais uma vez agradeço todos os Arcuenses.

A este senhor e amigos que me levaram fico muito agradecido. E assim termino a minha ida aos Arcos de Valdevez!

Papagaio

ATÉ BREVE

POR MANUEL PINTO

Foi no dia 28 do mês passado, que os rapazes do Lar do Gaiato do Porto, num gesto simpático, pensaram e melhor o fizeram, um jantarzinho de adeus ao Carlos Gonçalves, que por largo tempo foi chefe maior deste Lar do Gaiato, e que agora vai continuar a nossa Obra em África.

O jantar foi às 20 horas, e nele tomaram parte convivas representando o Lar do Gaiato de Coimbra, S. João da Madeira, e Júlio Mendes e Avilino de Paço de Sousa.

Estávamos todos juntos. Tudo reunido numa festa íntima, que se fez a um dos nossos irmãos que ia partir, e que deixava saudades pela sua boa conduta.

O jantar foi melhorado, e por sinal estava apetitoso. Perto do fim houve doces e também vinho fino, que veio lembrar os oradores que estava chegado o momento dos discursos. Falaram Zé Eduardo por Coimbra, Carlos Inácio por S. João da Madeira e Júlio Mendes por Paço de Sousa. Resumindo, todos desejaram muita saúde, inúmeras felicidades e que erguesse bem alto o nome da Casa do Gaiato. O homenageado, sensibilizado, agradeceu.

À hora em que esta escrevo, já o nosso Carlos vai no mar alto. Que o SS. Nome de Jesus, a quem a nossa Obra foi confiada desde o seu início, te guarde e te proteja. São os votos de todos os teus irmãos deste Lar do Gaiato.